

Os “ÍDOLOS” NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

O ídolo não é nada, não salva e não é capaz de ouvir os clamores dos pobres

Benedito Clovis
Orides Bernardino

Resumo

Os autores procuram conversar sobre os “ídeos” no cristianismo primitivo, iniciando com a questão: qual Deus é o verdadeiro e onde Deus está? Seguem a conversa procurando entender o significado de “ídeos” e a caminhada do cristianismo primitivo que fez a experiência de um Deus justo, rico em misericórdia e que não rejeita o povo que o escolheu, deixando de lado o ídolo que não salva e não é capaz de ouvir os clamores dos pobres.

Palavras-chave: Ídeos. Idolatria. Cristianismo Primitivo. Projeto de Vida. Projeto Idolátrico.

Abstract

The attempt of the authors is to exchange some ideas about the “idols” in early Christianity, beginning with the question asking who the true God would be and where he is going to be met. Furthermore, some thoughts are developed concerning the nature of the “idols” and more precisely how the Christians of that time acknowledged their faith experience and came to believe in his justice and mercy, since he did not reject the Chosen People. As a result, they abandoned altogether idol worship because no salvation was bestowed on the worshippers neither was there any hope for the prayer for the gift of grace being granted to those in need.

Keywords: Idols; Idol worship. Early Christianity. Life project. Idolatry related with immanence and transcendence.

Iniciando a conversa

Sempre que lemos a Bíblia percebemos, cada vez mais, que ela trata de uma questão: qual Deus é o verdadeiro e onde Deus está? Sempre nos disseram de que a Bíblia nos ensina que “somos imagem e semelhança de Deus”. Deus é bom, é amor, é justiça! Se somos a sua “imagem e semelhança”, somos convidados a praticar a bondade, o amor e a justiça. Mas parece que tudo está ao contrário. Fizemos Deus à nossa imagem e semelhança. O ser humano cria a sua própria divindade e a adora como sua própria imagem. Segundo Lohfink, o Deus que vemos está condicionado por aquilo que somos. Diz ele:

“Deus existe e nós o conhecemos. Mas o conhecemos projetando na sua imagem as nossas experiências do mundo, e não somente a nossa experiência pessoal. Experiências deste tipo nós as temos somente num processo dialético, no qual a nossa sociedade está profundamente envolvida. Ora, quanto mais uma sociedade, no seu funcionamento, é determinada pela violência, patente ou oculta, tanto mais a violência poderá permear também a percepção da divindade por parte dos membros desta sociedade. Uma sociedade violenta terá deuses violentos”¹.

Percebemos que “o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”, o Deus que caminhou, lutou e libertou o seu povo, foi deixado de lado e outros deuses foram tomando o seu lugar. As religiões procuram renovar-se constantemente apresentando uma proposta “segura” de salvação. Novas igrejas apresentam-se como verdadeiras e únicas e acusam as outras de falsidade e de heresia. Templos ostentam nomes diferentes a cada esquina. Movimentos religiosos oferecem opções novas para seus adeptos. Mesmo que muitos ainda continuam falando palavras bonitas a seu respeito, desconhecem o Deus do qual “somos imagem e semelhança” e, mesmo falando deste Deus, vão criando para o povo ídolos que não salvam e não são capazes de ouvir os clamores dos pobres. Segundo o teólogo Jon Sobrino, estes ídolos “reclamam para si as características de toda divindade: ultimidade, autojustificação, intocabilidade”, exigindo para si um culto, uma práxis e até uma ortodoxia².

O que são os ídolos?

Para o teólogo H. Assmann, “ídolos são os deuses da opressão. Bíblicamente, o conceito de ídolos e idolatria está diretamente vinculado à manipu-

1. LOHFINK, Norbert. Il Dio violento dell'Antico Testamento e la ricerca d'una società non-violenta. *La Civiltà Cattolica*, 135, n. 3211, p. 30-48, abril 1984.

2. SOBRINO, Jon. Reflexiones sobre el significado del ateísmo y la idolatria para la teología. *Revista Latinoamericana de Teología*, n. 7, janeiro/abril: 1986, San Salvador, p. 51.

lação de símbolos religiosos para criar sujeições, legitimar opressões e apoiar poderes denominados na organização do convívio humano”³. Para Assmann, “os homens perdem em geral a consciência de que existem deuses devoradores da vida humana. Os ídolos são implacáveis em suas exigências de sacrifícios”⁴.

Segundo o sociólogo Erich Fromm “a essência do que era chamado ‘idolatria’ pelos antigos profetas não está em o homem adorar muitos deuses em vez de um único. Está em os ídolos serem a obra das mãos do próprio homem – eles são coisas, e no entanto o homem curva-se ante elas e as reverencia; adora aquilo que ele mesmo criou. Ao fazê-lo ele se transforma em coisa. Transfere às coisas de sua criação os atributos de sua vida e, em vez de experienciar-se como pessoa criadora, só entra em contato consigo mesmo através da adoração do ídolo. Ele se alheou às forças de sua própria vida, à riqueza de suas próprias potencialidades, e só entra em contato consigo mesmo de maneira indireta, e submetendo-se à vida congelada nos ídolos”⁵.

Na Bíblia, a idolatria aparece como pecado originante de outros pecados. Javé exige desprezo e rejeição radical de *outros deuses* (cf. Ex 20,3-4; 34,13; Dt 5,7-8; 27,15). Adorar realidades criadas no lugar de Deus (cf. Is 10,11; Jr 9,13-15; Ez 8,17-18) é o mais grave dos pecados e a maior das imbecilidades (Os 8,4-7; 13,2; Jr 14,22; Is 40,12-20 etc.). Para Jesus, o ídolo é uma realidade histórica concreta, o *dinheiro* (Mt 6,24; Lc 16,13). Converter o dinheiro em poder supremo significa negar radicalmente ao Deus da vida (Cl 3,5). Para Paulo, por trás da idolatria se esconde a opressão da verdade e a ocultação da injustiça. O pecado da idolatria traz consequências imediatas sobre o próximo: perversidade, injustiça, ganância, maldade, assassinato (Rm 1,18-32). O Deus bíblico se revela como Deus vivo, da vida e dos pobres, como podemos perceber na manifestação de Deus em Êxodo 2,23-25:

“... e os israelitas, gemendo sob o peso da servidão, gritaram; e do fundo da servidão o seu clamor subiu até Deus. E Deus ouviu os seus gemidos; Deus lembrou-se da sua Aliança com Abraão, Isaac e Jacó. Deus viu os israelitas, e Deus se fez conhecer...”

Deus “humano” e vivo

Desde o início, o povo reconhece seu Deus como alguém profundamente “humano” e vivo. E quando revela seu nome, isso fica ainda mais claro: “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14), aquele que é, está e estará presente. E o mesmo versículo

3. ASSMANN, H. e HINKELAMMERT, Franz J. *Idolatria do Mercado*. São Paulo: Vozes, 1989, p. 11.

4. Idem.

5. FROMM, Erich. *O Conceito Marxista do Homem*. 8ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

continua dizendo: “Assim dirás aos israelitas: eu sou me enviou até vós”. Deus se mostra como princípio absoluto. E Gustavo Gutiérrez dirá que:

“ser princípio absoluto não significa desinteressar-se pela história. Pelo contrário, ao revelar seu nome, que não é puro conceito, Javé manifesta a sua decisão de participar dela. O ser de Deus está ligado ao decurso histórico. O eterno se faz presente no temporal, o absoluto na história, sem ser, porém, apenas uma presença: é também comunhão, é dom. (...) ‘Eu sou’ (Javé) princípio absoluto e ativo, origem de tudo, é igualmente o Deus do passado, o Deus dos patriarcas, dos antepassados, daqueles aos quais Moisés agora é enviado”⁶.

Os Evangelhos apresentam Deus como Emanuel, o Deus conosco (Mt 1,23); como o único que é bom (Mc 10,18); como aquele que visita o seu povo (Lc 7,16); como alguém que nos conhece (Lc 16,15); que nos ama mais que toda criação (Lc 12,28-33).

O cristianismo primitivo faz a experiência do Deus presente na sua caminhada (Rm 8,31), faz a experiência de um Deus justo (Rm 9,14), que não rejeita o povo que escolheu (Rm 11,2), um Deus que é fiel (1Cor 1,9), rico em misericórdia (Ef 2,4), um Deus que está aberto à aproximação (Tg 4,8). E a grande síntese de Deus no Novo Testamento aparece em 1Jo 4,18: “Deus é amor”. É a partir desta experiência que o povo se sente chamado a abandonar os ídolos e a servir ao Deus vivo e verdadeiro (1Ts 1,9). Se o Deus de Israel é o Deus vivo, toda sua ação, toda sua manifestação, toda sua revelação tem a ver com a vida. E vemos que, onde Javé está presente, sua presença é de alguém que está criando ou defendendo a vida. Suas manifestações são manifestações de vida.

O Cristianismo e o Império Romano

O Império Romano, como império absolutista, além de sustentar e promover uma doutrina política, mantinha uma ideologia religiosa que lhe dava toda fundamentação. Multiplicavam-se os deuses, reunidos num panteão e espalhados por todo o império. Pátria e religião se confundiam. Cultuava-se a capital Roma como deusa, e ao imperador também se prestava um culto especial, inclusive com queima de incenso e ofertas de sacrifícios. As autoridades públicas consideravam-se responsáveis pela religião oficial. Para amarrar ainda mais as relações sociais e políticas, os imperadores se autodivinizaram, ou seja, proclamaram-se deuses e passaram a exigir o devido culto dos cidadãos. Sob a liderança política divinizada do imperador todas as demais divindades se organizavam numa hierarquia diversificada.

6. GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 36-37.

Dada essa trama tão costurada pela mentalidade absolutista, a sociedade romana não podia admitir uma oposição nem a sua religião, nem a seus ritos, nem à divinização dos imperadores. Não admitia a possibilidade de alguém ser cidadão de uma mesma pátria, porém, com religião diferente. Por essa razão, entre o cristianismo e o império, primeiro surgiu necessariamente uma confrontação ideológica e, depois, uma oposição jurídica, até se chegar à perseguição e ao derramamento de sangue. Contestar a religião do império era contestar o próprio Estado e, portanto, apresentar-se como revolucionário.

O fato de Jesus assumir o projeto em defesa da vida de todos, ao anunciar o Reino de Deus aos pobres, aos doentes, aos que menos têm vida e que são deixados de lado, tomando o partido destes, eliminando a atitude paternalista que a sociedade tinha para com os marginalizados e chamando todos à responsabilidade diante do desrespeito à vida, desrespeito que era visto como fato natural, implicou no enfrentamento com o sistema do Império Romano que, por sua vez, tinha uma proposta de morte. Nestas circunstâncias, Jesus Cristo tornou-se um sujeito marcado para morrer, porque seu “projeto político” ameaçava a doutrina, “profetizada” pelo sistema imperial que dizia dar a “felicidade” para todos, em vista da “realização” vital.

A morte de Jesus é uma decorrência de sua ação identificada pela opção em defesa dos mais fracos. O sistema imperial estava ciente de que, com a morte de Jesus, acabariam as ameaças contra a elite dominante. Mas a derrota de Jesus tornou-se uma vitória. Seu “projeto” aparece, mais claramente, na cruz, no escândalo público; pois o sofrimento, a dor, o sacrifício não produziram o sentido previsto: a derrota. O humilhado, o subversivo e o condenado foi morto, mas ressuscitou, dando um novo sentido à morte. Uma morte que se tornou vida nova, de luta, para o povo. A ressurreição surge como protesto contra a morte, causada por aqueles que condenaram Jesus. A ressurreição vem para reabilitar a vida humana, social e cósmica. Obriga o ser humano a criar outro rosto, com princípios de gratuidade, de partilha e de comunhão, especialmente com os mais pobres. Por outro lado, volta a questionar a postura do Império: o acúmulo, enriquecimento excludente, submissão e humilhação dos mais pobres. Jesus retoma sua proposta de vida que é a partilha do pão, que gera relações novas de autonomia e liberdade. É uma alternativa de vida frente à proposta de morte do Império Romano.

A base do cristianismo primitivo

O cristianismo primitivo teve como base os ensinamentos de Cristo e a crença em sua morte e ressurreição. Para as primeiras comunidades cristãs e sua doutrina, Deus intervinha diretamente na história humana, a morte de Cristo representava o penhor pela salvação de toda a humanidade e o reino de Deus era

instalado naquele momento⁷. Para os historiadores latinos, como Suetônio, Tácito, Plínio, o Cristianismo era considerado como uma das numerosas religiões vindas dos confins do império, da qual Jesus de Nazaré fora o fundador. Para a maioria das religiões, a sua origem é atribuída a uma divindade, e cuja revelação é recebida por homens privilegiados, mas para os cristãos Jesus foi desde o início muito mais que um intermediário divino, encarregado de uma mensagem, e, em virtude dessa mensagem, tomou a iniciativa da “fundação de uma nova religião”.

O autor do livro dos Atos dos Apóstolos, olhando em retrospectiva de pelo menos meio século após a morte de Jesus, descreve os convertidos de fala grega de Jerusalém como os “helenistas”, “dispersos por causa da perseguição que se abateu sobre Estêvão”. Esses “dispersos” aproveitaram de seu exílio para propagar os ensinamentos Jesus, o Messias, especialmente aos judeus. Desse modo, os seguidores de Jesus não eram vistos como fundadores de uma nova religião, mas como “adeptos do caminho” (At 9,2), e, por outros, como judeus heréticos. Estes “judeus heréticos” haviam se desviado das tradições e por isso foram perseguidos. Foram essas perseguições internas que os empurraram para as terras dos gentios, segundo se pode deduzir de Atos 24,5.14.22; 28,22. O próprio Paulo se tornou “apóstolo dos gentios” porque não encontrara acolhimento entre os judeus.

O cristianismo nasceu como um processo de inovação do próprio judaísmo. Jesus era um praticante da piedade judaica. Por muito tempo os cristãos se identificaram com os judeus, frequentando as mesmas sinagogas e cumprindo os mesmos rituais religiosos. O cristianismo foi uma nova forma de viver não só o judaísmo, como também toda a religião. Nesse sentido, a inculturação foi exemplar. Aquilo que era coadunável com o cristianismo foi reaproveitado, num longo caminho de diálogo e discernimento. O judaísmo trouxe elementos como a presença de anjos e demônios, crença na vida futura, ideia do messianismo, forte piedade pessoal, sacerdócio e culto muito bem organizados, um templo como morada de Deus, festas e tempos litúrgicos, sinagogas com reuniões de estudo e oração e muitos outros.

Ao ler At 2,42-47, podemos perceber o dia a dia dos primeiros cristãos. Eles viviam em regime de comunhão de bens, se aplicavam também na oração, a fração do pão e meditação nos ensinamentos dos Apóstolos. Quando olhamos para Jesus, percebemos que em nenhum momento ele pediu que buscássemos a Deus por outros critérios além daqueles com que os homens se orientam na história⁸. Pois, “todo absoluto está obrigado a pensar-se e realizar-se sempre e sempre na relatividade histórica”⁹; sem este critério, o absoluto torna-se ídolo.

7. GUTIÉRREZ, p. 36-37.

8. SEGUNDO, Juan Luís. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré: fé e ideologia*. v. I. São Paulo: Paulinas, 1985.

9. *Ibid.*, p. 240.

Idolatria

Ao mesmo tempo em que a Bíblia revela Deus como Deus vivo, da vida e dos pobres, desvela, tira os véus da idolatria que manipula Deus. A idolatria é uma realidade constatada, segundo a revelação judaico-cristã, desde as mais antigas narrativas bíblicas, tanto vétero como neotestamentárias. Sua compreensão etimológica é a de uma adoração de ídolos (do grego *eidolon*: figura, representação; e *latrein*: adorar), a dizer, no plano religioso, de objetos que ocupam o lugar de Deus e como tal são adorados. Num plano mais amplo, porém, cabe defini-la como “a absolutização de qualquer realidade criada ou de qualquer produto da nossa imaginação, quando o homem adota diante deles atitude de temor, de afeto ou confiança absolutos”¹⁰. Gustavo Gutiérrez dirá que a idolatria consiste em pôr a confiança em alguma coisa ou em alguém que não é Deus, ou jogar com a ambiguidade de afirmar Deus, mas buscar outras razões de segurança¹¹. O ídolo fascina, pois dá a impressão de que responde à eterna ânsia que as pessoas têm de se realizar. Mas o ídolo também cega, pois as pessoas não percebem que aquilo que absolutizam é algo relativo e que não pode preencher o vazio que sentem.

O tema revela-se atual e continua a ameaçar a fidelidade ao evangelho, cuja grande referência de imagem de Deus é o próprio Jesus, o qual nos ensina o amor ao próximo, de modo particular aos mais pobres, como reconhecimento de sua presença viva em nosso meio. O problema da idolatria foi uma constante na história de Israel. No cristianismo não parece ser diferente, pois com muita facilidade o Deus apresentado por Jesus é trocado por simulacros divinos, obra de mentes humanas, dissimulações de opressão e crueldade. Nenhum sistema religioso é fiel a Deus se permite a exploração ou a negação da dignidade do ser humano.

A variedade dos ídolos exige discernimento constante: com facilidade os ídolos podem se revestir de argumentos aparentemente sérios e verdadeiros. Por exemplo, a ideia de que Deus quer nossa felicidade pode dar margem a uma idolatria do sucesso, do lucro, inclusive respaldada por certa teologia da prosperidade. Independentemente do aspecto religioso, é necessário ainda discernir sobre outras realidades que podem dominar o ser humano, levando-o a desrespeitar o semelhante. A convivência com a injustiça social, a ideologia do sucesso como conquista, a insensibilidade para com os necessitados, a violência e outros atos de desrespeito à vida são provas de que existem falsos deuses sendo adorados tais como o egoísmo, o individualismo, o poder econômico e psicológico, a beleza, o prazer etc. Não estamos isentos de, a qualquer momento, nos defrontarmos com ídolos e termos a sensação de se parecerem mais agradáveis que o Deus bíblico. Nessas horas, o discernimento é necessário para saber onde depositar nossa confiança.

10. PIKAZA, X. e SILANES, N. (dir.). *Dicionário teológico: o Deus cristão* (tradução I.F.L. Ferreira... [et al.]). São Paulo: Paulus, 1993, p. 418-420.

11. GUTIÉRREZ, p. 149.

A vida de Jesus foi uma busca de superação da idolatria, de todas as divindades de morte, divindades estas que lhe deram a morte. E a superação destas tinha o objetivo de colocar a vida acima de tudo, pois estas divindades estavam a serviço dos interesses, da “sobra”, originadores da idolatria. Suas tentações, no início da vida pública, são posicionamentos anti-idolátricos, pois superam a tentação da absolutização das necessidades imediatas, superam a busca da fama e do prestígio e a tentação do poder e das riquezas (cf. Mt 4,1-11). Para Jon Sobrino, esta atitude de Jesus mostra que ele foi

“um inconformista em relação à situação religiosa de sua época e de seu povo (...) lutou decididamente contra qualquer tipo de força social que, de uma forma ou outra, mediata ou imediatamente, desumanizasse o homem, desse-lhe a morte. Neste sentido, o objetivo de que o homem viva – e viva plenamente – constitui um claro critério da conduta de Jesus. Nessa luta, Jesus foi descobrindo que as forças da morte, de fato, também buscavam se justificar em concepções explicitamente religiosas da vida ou, implicitamente, supusessem como absoluto algum tipo de divindade. Por isso, boa parte de suas atividades dirigiu-se no sentido de desmascarar as falsas divindades”¹².

O ídolo na realidade atual

Na realidade atual quem assume o papel do Império Romano é o sistema neoliberal que desloca o projeto do Deus da Vida para o mercado. O mercado é imposto como o “Deus verdadeiro”, o “Deus dos antepassados”. O projeto idolátrico é a divinização humana que sempre favoreceu alguns indivíduos e sacrificou os demais, portanto, é anticristão. Nisso nos respalda a tradição bíblica que sempre condenou a exigência de sacrificar humanos em nome dessa divinização. O mercado define como deve ser a fé e a vida do ser humano. A mediação religiosa reduz-se no ato de estar no mercado e “estar no mercado” significa a destruição das relações de solidariedade e compromisso com o Amor. Sendo assim, o mandamento do Amor, que é a síntese da prática de Jesus, representada na Cruz é modificada. É preciso avaliar esta situação e retomar a proposta de Jesus. Diante desta realidade podemos perguntar: Que tipo de ser humano está sendo sintetizado e construído pela “teologia neoliberal”?

O ser humano foi criado na condição de amar a Deus e de confiar em sua Palavra de forma absoluta. Disso depende a sua plena realização. Na desobediência, o ser humano abdicou voluntariamente destas prerrogativas ao emancipar-se de Deus e de sua Palavra. Portanto, a partir de um campo de significado bíblico

12. SOBRINO, Jon. *O aparecimento do Deus da vida em Jesus de Nazaré*, in RICHARD, P.; CROATTO, S.; PIXLEY, J., op. cit., p. 99.

é lícito afirmar que um ídolo (ou ídolos) é tudo aquilo que amamos e em que confiamos de maneira suprema, tornando a sua plena realização dependente dele.

Timoty Keller¹³ reproduz de maneira muito acessível esta ideia quando afirma que um ídolo é “qualquer coisa que seja mais importante que Deus, que absorva seu coração e imaginação mais que Deus”, “qualquer coisa que seja tão central e essencial em sua vida que, caso você o perca, achará difícil continuar vivendo”. Segundo Keller, um caso de idolatria em curso se dá justamente quando “um ídolo tem uma posição de controle tão grande em seu coração que você é capaz de gastar com ele a maior parte de sua paixão e energia, seus recursos financeiros e emocionais, sem pensar duas vezes”.

Para fim de conversa

Para finalizarmos nossa conversa podemos dizer que a ação de Jesus fundamentava-se na vida e na vida em abundância, vida que era negada por causa do sistema legalista, da condição socioeconômica e da religião. Jesus faz do pobre o centro de sua ação, pregação e misericórdia: ele mesmo se vê como ungido para anunciar aos pobres a Boa Notícia¹⁴. Jesus desvela a idolatria e a decorrente violência por ela praticada através da elite dominante e dos projetos idolátricos da religião judaica e do Império Romano. Ao dar a vida, Jesus supera a idolatria e abre caminho para que a humanidade possa superar tanto a violência como a idolatria. Seguindo a prática de Jesus, os primeiros cristãos tinham a sua fé fundamentada no Deus da Vida. A convivência de partilha e de celebração os conduz à resistência contra os deuses da morte, dos pobres e mais fracos. A partir desta fé se espalham pelo mundo, expandindo o cristianismo e lutando por projeto de vida digna.

Para os primeiros cristãos o ídolo não é nada, não salva e não é capaz de ouvir os clamores dos pobres. Seu único fruto é a morte dos pobres e fracos. Mas, para aqueles que o adoram, o ídolo é Deus e o sofrimento é o caminho da salvação. A criação do “ídolo” nasce com o propósito de se estabelecer uma proximidade entre aquele que o “idolatra” e aquele representado. Considerado o “ídolo” um objeto de adoração, sua personificação viria a ser um segundo estágio da “aproximação” com o sagrado. O ídolo fascina, pois dá a impressão de que responde à eterna ânsia que as pessoas têm de se realizar.

13. KELLER, Timothy. *Deuses falsos: Eles prometem sexo, poder e dinheiro, mas é disso que você precisa?* Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p. 15.

14. Cf. Mt 11,5; Lc 4,18.

Bibliografia

ASSMANN, H. e HINKELAMMERT, Franz J. *Idolatria do Mercado*. São Paulo: Vozes, 1989.

FROMM, Erich. *O Conceito Marxista do Homem*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1990.

LOHFINK, Norbert. Il Dio violento dell'Antico Testamento e la ricerca d'una società non-violenta. *La Civiltà Cattolica*, 135, n. 3211, abril 1984.

MANGONI, José. *Violência e idolatria no cristianismo: Uma leitura da invasão cristã europeia a partir da crítica da religião de Feuerbach e da concepção bíblica de Deus*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Faculdade de Teologia. Porto Alegre, 1999. Disponível em: < <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5295> > Acesso em 15/06/2014.

PIKAZA, X. e SILANES, N. (dir.). *Dicionário teológico: o Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1993.

RODRIGUES, José Raimundo. O problema da idolatria nas tradições legal e profética: um problema ético-teológico sempre atual. In: *Interações: Cultura e Comunidade*. Uberlândia: Faculdade Católica de Uberlândia, 2011, vol. 6, núm. 9, p. 53-74. <Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313027315004> > Acesso em 17/05/2014.

SEGUNDO, Juan Luís. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré: fé e ideologia*. v. I. São Paulo: Paulinas, 1985.

SOBRINO, Jon. *O aparecimento do Deus da vida em Jesus de Nazaré*. In: RICHARD, P.; CROATTO, S.; PIXLEY, J.

SOBRINO, Jon. Reflexiones sobre el significado del ateísmo y la idolatria para la teología. *Revista Latinoamericana de Teología*, n. 7, janeiro/abril. San Salvador, 1986.

Benedito Clovis

Rua Germano Frederico Timm, 47
89233-840 – Joinville - SC

Orides Bernardino

Rua Lauro Julio Stamm, 474
89228-640 – Joinville – SC
oridesbernardino@hotmail.com